

## Painel

### **O FEGADAN e o figurino de danças a partir da obra de J. C. Paixão Côrtes e Mariana Paixão Côrtes**

Caxias do Sul/RS, 26 de abril de 2015

- Rui Arruda, CTG Pampa do Rio Grande: distribuição das prendas em danças de filas, rodas e cordões.

Em danças de pares dependentes – em filas, rodas e cordões – e nos ternos do Chotes de Duas Damas, deve-se observar a disposição das dançarinas de forma a evitar a proximidade de composições individuais de vestuário com cores semelhantes a fim de obter resultado mais harmônico no conjunto. Recomenda-se cuidado na harmonização de cores muito marcantes, além de uma distribuição mais ou menos equitativa entre cores quentes (vermelhos, amarelos, alaranjados e rosados) e frias (azuis e verdes) no conjunto de dançarinas.

- Dalmir Pereira, CTG Paixão Côrtes: uso de cores contrastantes em um mesmo conjunto individual feminino – saia e blusa, por exemplo.

Não há problema. No entanto, não se recomenda que esse tipo de combinação seja muito recorrente num mesmo grupo. Ainda, recomenda-se evitar exageros, como composições individuais com excessivas cores ou tecidos diferentes. Também deve-se cuidar para que acessórios, como rendas e outros, não se tornem predominantes nas peças.

- Lucia Corso, CTG Imigrantes e Tradição: uso da cor vermelha.

Excetuando faixa de lã e lenço de seda, a preferência para o vestuário masculino é por cores frias e neutras, ainda que não haja obrigatoriedade. É preciso, entretanto, observar a harmonização com o conjunto de figurinos femininos. Para as mulheres, os vermelhos mais vivos são reservados às adultas; veteranas usam tons mais escuros e sóbrios – bordô, por exemplo. O mesmo vale para demais cores, com matizes mais vibrantes reservadas para mulheres mais jovens – adultas – e mais sóbrias para veteranas.

- James Pereira, CTG Paixão Cortes: uso da cor branca em bombachas e no vestuário feminino.

A bombacha branca tem seu uso limitado por questões climáticas e geográficas – regiões de vento e terra vermelha. Já no vestuário feminino, roupas de cor predominantemente branca eram de uso em ocasiões religiosas. Fundo branco com a estampa sobressaindo não configura

uma incorreção; recomenda-se, porém, cuidado para que a cor branca não seja predominante na composição individual da mulher.

- James Pereira, CTG Paixão Côrtes: relação de cores entre o par.

Na avaliação não há penalizações por haver uma eventual combinação de cores entre homem e mulher. Recomenda-se, no entanto, que no momento de concepção e organização do figurino grupal se tome cuidados para evitar muitas aproximações entre as cores masculinas e femininas.

- Rui Arruda, CTG Pampa do Rio Grande: todos os dançarinos se apresentam de bombacha.

Tendo em vista a ideia de mostrar a diversidade do vestuário descrito na obra de referência, um conjunto de figurinos masculinos que apresente maior diversidade é valorizado no quesito harmonia. Isso vale para grupos adultos e veteranos, já que mirins e juvenis não se apresentam usando chiripás e outras peças usadas em conjunto com estes.

- Márcio Bertussi, CTG Imigrantes e Tradição: penalização para grupos adultos e veteranos cujos homens trajem todos bombacha, por exemplo.

Não há exatamente uma penalização, mas uma valorização na avaliação de harmonia de conjunto para um figurino que apresente maior variedade.

- Gabriela Bigaton, CF Os Riograndenses: apresentação de conjuntos de diversificados de figurinos.

Um figurino diversificado consegue mostrar a variedade da pesquisa e, portanto, é valorizado. Um conjunto masculino adulto ou veterana que se apresente todo usando bombachas, por exemplo, não será penalizado; entretanto, um outro mais variado será valorizado. Segundo Paixão Côrtes, a roupa é expressão individual, portanto, qualquer tendência à uniformização deve ser evitada na composição de um figurino grupal, mesmo em detalhes. Recomenda-se, portanto, cuidado com a variedade de cores e padronagens de tecidos – principalmente nos conjuntos masculinos juvenis e mirins, que por descuido muitas vezes tendem à uniformização (todos ou quase todos os meninos de faixa vermelha ou de camisa branca, por exemplo).

- Geovani Primieri, CF Os Riograndenses: em um grupo com menos componentes haveria mais dificuldade para se compor um figurino variado.

É preciso, na avaliação, ponderar. No entanto, um conjunto mais variado tende a ser mais valorizado dentro das possibilidades do número de pares apresentado.

- Lucia Corso, CTG Imigrantes e Tradição: uso de veludo e brocado por homens e mulheres.

Na obra, não há menções de uso desses tecidos em roupa masculina. Ambos os tecidos são usados para casacos e boleros femininos. Veludo também usado para saias e vestidos. Eram tecidos usados por pessoas de “mais posses”. Como não há elementos restritivos na literatura, não será penalizado o uso por homens.

- Dalmir Pereira, CTG Paixão Cortes: brocado miúdo é usado pelos homens, e veludo cotele também era usado pelos homens, segundo a Marina Paixão Côrtes.

Não há elementos para dizer se pode ou não usar, portanto não será descontado.

- James Pereira, CTG Paixão Côrtes: dama com roupa de veludo formando par com homem que use bota de garrão.

Não há, na concepção de figurino adotada para Fegadan uma distinção em termos sociais.

- Rui Arruda, CTG Pampa do Rio Grande: dançarinos fora da sua categoria.

Não há problema, mas é preciso que, ao se escolher as cores e conceber o figurino, se tenha em conta a harmonização com os demais dançarinos do grupo ao mesmo tempo que se observa a adequação de idade.

- Gabriela Bigaton, CF Os Riograndenses: quando há mistura de idades a dificuldade em harmonizar é maior, porém deve ser ponderado isso em relação a apresentação.

Sim, é preciso conceber o figurino dissonante (por exemplo, uma prenda juvenil num grupo adulto ) de forma que se crie um conjunto harmônico em termos de cores com todos os demais figurinos individuais.

- Rui Arruda, CTG Pampa do Rio Grande: peso de cada desconto.

O peso é ponderado, dependendo da gravidade da incorreção e da incidência (quantidade de dançarinos).

- Geovani Primieri, CF Os Riograndenses: tecidos adequados para inverno e verão, dia e noite.

Como o Fegadan trabalha com uma concepção de figurino específico para apresentação de danças, não se consideram adequações da roupa segundo condições climáticas e horário. Para os homens, no entanto, as camisas sempre são de mangas longas e não arremangadas – uso frequente e mais adequado a lides campeiras, segundo consta na obra.

Tais Tomazoni, CTG Laço da Amizade: uso de topes previamente feitos, não atados.

Em qualquer dos casos, os topes são atados a partir de uma fita feita de tecido. Para meninas mirins e juvenis são frequentes as faixas à cintura com tope, meio tope ou nó; para adultas, nós e meio tope – às costas ou à frente do corpo da usuária. Topes como acessórios na roupa, a não ser em faixas, são usados mais frequentemente por mirins e juvenis. Veteranas não usam faixas.

- Ketlin Teles, CTG Paixão Cortes: uso de topes no cabelo por mulheres adultas.

Na obra, se recomendam flores artificiais – feitas artesanalmente de tecido ou palha de milho – e travessas – de osso, chifre ou casco de tartaruga (este em sua versão sintética feita de acetato mesclado em tons de marrom e preto).

### Tropeirismo

- Rui Arruda, CTG Pampa do Rio Grande: tecido recomendado para chiripá *mortero* (saiote)

Tecidos lisos ou de padronagem mesclada miúda.

- Cristiano Barbosa, CTG Cancela do Imigrante: o calção citado na obra *O Gaúcho* e calça biriva são a mesma peça.

Não há indícios suficientes nas obras para determinar. No entanto, nos desenhos, gravuras e estudos reproduzidos na obra específica sobre tropeirismo, veem-se calças que vão até o tornozelo, e outras que chegam apenas logo abaixo do joelho.

- Cristiano Barbosa, CTG Cancela do Imigrante: uso de lenço de seda com chapéu de palha.

Por uma questão de funcionalidade, não se usa lenço de seda à cabeça com chapéu de palha. Mas no pescoço e à meia espalda, sim, ou ainda sem lenço. Jamais dois lenços. Chapéu de palha é usado só no tropeirismo.

- Rui Arruda, CTG Pampa do Rio Grande: calça com o sem guaiaca.

Com ou sem. Pode-se também usar chuspa.

- Gabriela Bigaton, CF Os Riograndenses: feitiço da véstia

Uso facultativo de meio forro e ombreiras discretas. Não apresenta bolsos.

- Marcio Bertussi, CTG Imigrantes e Tradição: diversidade no figurino para danças birivas.

A diversidade é valorizada, mas é preciso ter cuidado com incorreções.

- Jean Soares, CTG Pampa do Rio Grande: tecido para a indumentária biriva.

Liso e padrões de mescla miúda. Para a calça, é preciso observar o bom caimento do tecido.

- Viviane Petter, CF Os Riograndenses: tipos de tecido para calças de tropeiro.

Eram predominantemente de algodão, mas é possível usar versões modernas que imitem, tal como a casimira. Devem, porém, ter movimento.

- Diego Muller, CTG Braço do Rio Grande: uso de bota de garrão

- Cristiano Barbosa, CTG Cancela do Imigrante: Paixão Côrtes diz que estas eram inadequadas para o trabalho dos tropeiros, mas as admitia num agrupamento biriva pela reconstituição das peças.

Na avaliação do Fegadan, não será nem valorizado, nem descontado o uso de botas de garrão no tropeirismo.

- Marcio Bertussi, CTG Imigrantes e Tradição: uso de poncho.

Pode dificultar os movimentos dos dançarinos.

### **Mirim**

- Lucia Corso, CTG Imigrantes e Tradição: uso de piquê estampado.

É possível, assim como de qualquer tipo de pique – com textura em listras ou em favos miúdos. Não confundir com o pique usado para roupas de cama, mais grosso e de texturas mais graúdas.

(Observações a partir de perguntas não registradas)

Camisas dos meninos podem ter padronagens de riscado ou xadrez miúdo, mas sempre sobre fundo claro.

Os sapatos devem ser fechados por uma tira sobre o peito do pé arrematada por uma fivela na parte externa.

Recomenda-se, para as meninas, sapatos em tons claros e pastéis – não há penalização pelo uso de sapatos escuros, mas os claros serão valorizados.

As botas dos meninos são em tons de marrom e preto.

As guaiacas podem ser estreitas e terem apenas um bolso na parte das costas, mas não a de tropeiro.

- Cristiano Barbosa, CTG Cancela do Imigrante: botão de pressão em guaiacas.

Não haverá descontos, por falta de informação na literatura.

Uso de lenço pelos meninos mirins: usam-no sempre ao redor do pescoço e atado na altura da “maçã” do peito. Pode ser dobrado da forma atual, completamente dobrado, ou deixar sobrar duas pequenas pontas às costas depois de dobrado (normalmente, em razão do formato retangular dos lenços de crianças, as duas pontas estarão desencontradas). Às pontas dá o nome popular de “mosquinhas”. O mesmo vale para meninos juvenis mais jovens; para os mais velhos, também à moda pachola, caído sobre um dos ombros. Mirins e juvenis de maneira geral, não usam lenços atados “à meia espalda”.

Em dias frios, meninas mirins podem usar meias-calças em vez de soquetes.

Uso de terço ou tarca no cinto: não há problema, porém com coerência, sem exageros.

### **Juvenil**

Meninas podem usar ao cabelo tiara em material que imite casco de tartaruga ou que seja forrada de tecido.

Folhes de tecido e flores de palha de milho; uso frequente de fuxicos.

Folhes de crochê não são registradas na obra, portanto não se recomenda o uso.

Colete e chapéu podem ser usados por rapazes juvenis mais velhos e de maior estatura. O mesmo vale para o lenço à moda pachola. Faca e pala, não são usados.

Sapatos das meninas podem ser em tons de marrom, preto e bege.

### **Veterano**

Em qualquer das categorias, é preciso cuidar com saias e vestidos com barras desniveladas – com “bicos” ou “rabo”. Consiste em problema de harmonia, já que expressa desleixo. Para adultas e veteranas, é preciso observar o comprimento adequado das saias, na altura do peito do pé.

Uso de tecidos com aspecto brilhoso: somente para “vivos” na peça, ou seja, como acessório. No entanto, não são usadas estampas com elementos em prateado ou dourado. Isso vale também para adultas.

O fichu é usado por mulheres veteranas e adultas. Deve ter formato triangular e ser confeccionado preferencialmente com fios acetinados. Usado com blusas, batas e vestidos. Ainda, pode ser usado por baixo de casacos à moda de um “peitinho”, junto ao pescoço.

Não se recomenda a saia completamente pregueada, adequada para adultas e juvenis.

As saias podem ser de cóis abotoado ou de corredor.

Para veteranas, meia-calça mais escura, fumê, champagne e bege.

Maquiagem sóbria, assim como a roupa.

As estampas não deve ser muito grandes. Podem ser florais, petit-pois, xadrezes e listrados. Para blusas, também vê-se o uso de estampas geométricas. Não são usadas estampas “manchadas”, do tipo tie-die ou com motivos animais.

Uso de brocado para casacos ou mesmo para acessórios como golas e outros. Não recomendado para saias.

Não se recomenda o uso de paletós pretos pelos homens.

### **Adulto**

Chiripá *mortero* ou *a la oriental* (saiote): tecido de boa caída, mais ou menos à altura do joelho.

Apesar de haver menção na obra, não se recomenda o uso de poncho ou pala como chiripá – do tipo fronteiroço. O tecido é liso e deve ter boa caída; pode ou não trazer barrados nas bordas.

Na obra, não há nenhuma especificação sobre o uso dos coletes com gola ou trespassados com cada uma das demais peças. Por isso, não haverá nenhuma recomendação nesse sentido.

Véstia deve ser de cor lisa ou em listrado miúdo, mas não cores berrantes. Não tem bolsos.

Na obra, a orientação é de que as faixas de lã e brasileira tenham cerca de 14 centímetros de largura, mas depende da estatura do usuário. Deve ser um pouco mais larga que a guaiaca.

O nó criado por Paixão Côrtes – que tem uma laçada ladeada pelas duas pontas caídas – é usado somente com bombacha.

Tons do chapéu: preto, cinza, marrom e tons de bege.

Chapéu de coco não contém adereços, a não ser a fita de gorgurão, original de fábrica.

O pala de seda pode ser usado à meia espalda ou amarrado ao redor da cintura.

A espora deve estar virada para baixo e numa altura que permita o rosetear nos sapateios.

A renda e o brocado são um acessório na composição da roupa, não o tecido predominante.

Não poder haver transparência nos tecidos, ainda que tecidos mais finos e leves possam ser usados para acessórios.

A flor de palha é feita da palha de milho, cujas pétalas são recortadas na palha e depois moldadas. Podem ou não ser recobertas de cera colorida.

Não se recomendam cores sóbrias, como marrom e azul marinho. A estampa popularmente conhecida como “mamãe Dolores” – fundo preto ou azul marinho, com estampa floral miúda em cores mais claras – é característica das mulheres veteranas, mais maduras.

Travessas e pentes de osso, chifre ou imitação de casco de tartaruga – hoje substituído pela imitação industrial de acetato mesclado em marrom e preto. Não confundir com a peinetas espanhola, maior.

Não são usadas flores naturais, nem cílios postiços.